

A CARRIS E O PÚBLICO

Pretendeu a Câmara Municipal que a Companhia Carris actualizasse as suas respectivas tarifas. Efectivamente, não se compreende que, tendo melhorado há tanto tempo a situação cambial, ainda os preços das passagens nos eléctricos não tenham baixado.

A Companhia, porém, com uma desfaçatez assombrosa, declara que quer actualizar, que deseja diminuir os preços, isso mesmo é o que ela queria, mas tem juros a pagar em ouro a desgracia, tem contas a liquidar, a pobresinha, e por isso não pode atender o pedido, tenha paciência a Câmara; quando muito virá a baixar as tarifas, mas muito pouco, se se modificar o contrato, e esse preço fixado agora ficar a valer por uma boa porção de anos!

Curioso tudo isto. A Companhia faz o que quer e sobra-lhe tempo: baixa o preço do combustível, e, portanto, de energia eléctrica, uma das suas maiores despesas; os escudos cobrados valem agora muito mais libras, o que quer dizer que os lucros a distribuir pelos figurões lá de fora são muito maiores de que eram há pouco, e a Companhia, apesar-distó tudo, não encontra maneira de reduzir o preço das passagens e quer para isso a alteração do contrato, que precisamente a obriga a baixar o preço das passagens.

O povo que se serve dos eléctricos, por imperiosa necessidade, para não faltar ao cumprimento das suas obrigações, está a ser fortemente expoliado. A Câmara que, em termos brandos, pelo sistema de officio suasório, pretende levar a Carris ao cumprimento do contrato, responde esta duma maneira quasi trocista, com o ar de quem mete na algebeira os membros da comissão executiva da Câmara e do Senado Municipal e os próprios munícipes.

Estaremos então condenados para sempre a esta situação de vítimas das grandes empresas?

Não chegará nunca o dia em que o povo tenha de correr de vez todos esses exploradores da sua bolsa e os serviços públicos sejam organizados por forma a satisfazer a toda a gente, sem servir para se loqueletar uma meia dúzia, em prejuizo do interesse geral?

Os políticos, entretidos com revoluções ou com a repressão delas, não repararam nisto. E, no entanto, é precisamente em coisas desta natureza que era preciso pôr um pouco de ordem.

São precisamente sempre os elementos mais conservadores que auxiliam esta indecorosa especulação das grandes empresas contra o público. Até quando se resignará o público a suportar uns e outras?

A propósito da última revolução

As convulsões sociais de Portugal vistas por um jornalista espanhol

O jornalista espanhol Gabriel Alomar publica um artigo de fundo no jornal *La Libertad*, com o título «O prisma da Europa», no qual fala por várias vezes da evolução política e social dos portugueses, a propósito da derrota dos reacçãoários, com um carinho e uma simpatia talvez imerecido.

Traduzimos a seguir algumas passagens do seu interessante artigo:

«Portugal e Bulgária têm ultimamente sido vítimas de agitações simétricas na aparência. Portugal, bom filho do nosso calunioso Ocidente, ocupa um lugar muito mais elevado do que a Bulgária na escala dos valores europeus.»

«Junho da Grã-Bretanha colocou a pacífica vitalidade dos três Estados escandinavos e a seguir o proverbial socorro da Holanda, sem falar nalgumas fraquezas. Mas será esta a ocasião de colocar não também Portugal, cuja inscrição na órbita inglesa é um tópico da geografia política vulgar? Portugal, essa brava e generosa nação, que luta nobremente para afirmar o seu ocidentalismo cidadão, aproxima-se mais, quanto a mim, da norma francesa do que da inglesa. Teve a grandeza de se saber forçar uma iniquidade, de sacrificar a sua paz obscura a luta para se emancipar, avançando as apalpadelas nos caminhos que faltam descobrir. As próprias agitações febris, que são censuradas pelos pobres de espírito, valem mais do que certas indiferenças corais. Essa pequena nação, honra e regate da féria, será recompensada no futuro, porque sofreu muito para libertar-se a si mesma e libertar com o seu exemplo, os outros países.»

A vaga de reacção que passa sobre a Bulgária já vem de longa data

No que dão os regimes de força onde predomina o militarismo

Para que se compreenda bem o abismo que os detentores do poder e da riqueza da Bulgária têm cavado entre si e o povo, vamos citar alguns factos passados naquele país durante os últimos anos—factos que não dão a entender bem os sentimentos de ódio e de desespero de que não podem deixar de estar possuídas as vítimas dos carrescos dos governantes búlgaros.

Assim, em 26 de março do ano de 1923, em Samboli, após um incidente, que se produziu entre os anarquistas e o exército, foram fusilados sem nenhuma espécie de julgamento trinta libertários.

E o ministro Stambolski concedeu aos assassinos em vez de se opor ao fogo da liga militarista que tinha dado as ordens destas execuções.

Em seguida começaram as perseguições em massa, as prisões e os assassinatos dos elementos revolucionários, e em 8 de junho de 1923 a liga militarista derrubou o próprio governo de Stambolski, prendendo todos os ministros e os deputados da maioria.

Stambolski foi assassinado depois pelos mesmos militaristas, que tinha concedido.

A notícia deste facto levantou os aderentes do Partido Agrário em todo o país contra o regime novo, e este fez proclamar a mobilização parcial.

Sob a influência dos anarquistas e dos comunistas, os camponeses e os operários recusaram-se em grande parte a obedecer a este regime, tendo havido, por isso, várias revoltas.

A falta de armas, porque Stambolski, como todos os autoritários, temia o povo armado, permitiu, no entanto, ao governo liquidar todas as insurreições.

Então começou para o povo búlgaro uma verdadeira vida de inferno. As violências, os incêndios, os assassinatos sucederam-se, durante até agora.

Centenas de professores foram demitidos pelas suas ideias, presos, maltratados pelos militaristas e pelos espíes.

Todos os jornais anarquistas, comunistas e agrários foram suprimidos.

Estas violências, como era natural, alimentaram o espírito de revolta, e esta não tardou a reberar. A insurreição foi geral. A miséria dos operários, a necessidade de melhorarem a sua sorte, levou-os para a luta. Mas, armados insuficientemente, foram vencidos.

Seguiu-se então uma bacanal sangüinária. Milhares de camponeses, de operários e de intelectuais foram aniquilados. Matou-se em todas as localidades, sem se ter em conta, se as vítimas tinham ou não participado na insurreição.

Centenas de pessoas foram massacradas em Philippolis, seiscentas perto da gare Saramby; em todas as aldeias o sangue corria a jorros. Considera-se então a vida humana como coisa desprezível e sem valor.

A repressão durou todo o ano de 1924. Cem mil pessoas foram presas, transformando-se as escolas em cárceres. Os policiais praticaram as torturas da idade média, para obterem confissões. Milhares de pessoas preferiram morrer de arma na mão na rua a cair nas garras dos carrescos.

Em janeiro de 1924, em Kustendil, dois anarquistas foram cercados numa casa, que se fez voar a bomba.

Em fevereiro, outros dois foram queimados vivos numa casa pela polícia.

Que páginas seriam precisas encher para dizer o nome das vítimas do regime, que o marxista Vandervelde classifica de democrático!!!

Centenas de famílias foram internadas nas regiões afastadas porque os seus filhos se tinham azeitado. Só em 1924 foram demitidos mais de mil professores.

Além das perseguições, que têm sofrido, os trabalhadores estão sujeitos também a uma exploração desumana e feroz. A sua sorte é pior do que a dos animais, auferindo uns salários irrisórios. As cooperativas de produção estavam muito desenvolvidas antes do actual regime. Hoje estão totalmente abafadas, e quanto ao «cooperador» que proteste, é imediatamente considerado como subversivo, preso e maltratado.

Todos os factos acima apontados explicam pois os atentados, que se têm dado ultimamente na Bulgária.

Fusilados 24 horas após a sentença

SOFIA, 6.—Desperta muita curiosidade o julgamento dos partidários de Stambolski implicados no atentado da catedral desta cidade. perante o tribunal vão depor cento e cinquenta testemunhas. Entre os acusados está o antigo chefe da polícia desta cidade e o antigo ministro da guerra Mouraviev e outros membros do gabinete Stambolski. Os reus compareceram perante o tribunal com algemas e grilhões. Estão também envolvidos no processo muitos indivíduos das classes populares. As autoridades continuam a fazer patrulhar cuidadosamente as ruas, mas já foram desfeitas as barricadas e o governo espera que a tranquilidade se mantenha. As tropas estão concentradas nos seus quartéis prontas a exercer uma rápida acção logo que isso se torne necessário. Os indivíduos a quem se reconhecer culpabilidade nos últimos acontecimentos serão fusilados publicamente 24 horas depois da sentença ser proferida.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Profissionais Culinários

Realiza-se amanhã, na sede da Associação dos Profissionais Culinários, travessa dos Inglesinhos, 3, 1.º, às 21 horas, a festa do seu aniversário e de inauguração da bandeira.

NOTAS & COMENTÁRIOS

A liberdade de imprensa

Publicou ontem *A Epoca* palavras de justa condenação a toda e qualquer perseguição à imprensa, do nosso camarada Pinto Quartim, que ocupou o lugar de chefe da redacção de *A Batalha* desde outubro a fins de fevereiro último. Nas palavras escritas para *A Epoca*, Pinto Quartim defende a mais lata liberdade de pensamento revoltando-se não só contra a tirania política que a asfixia, como contra a tirania económica que impede a muitos expor publicamente as suas opiniões, tornando assim tão morosa a marcha das ideias e a evolução moral e mental dos povos.

Batoteiros!

Inseria ontem o *Mundo* o artigo que o *Século* publicou quando neste último jornal havia o convencimento de que a revolta conservadora era decisiva e o seu triunfo incontestado. Que o *Século* se enganou e o preço que esse engano lhe custou, sabemos-lo todos nós de sobra.

O que nem todos sabem é que o jornal das «forças vivas», à falta de melhor para justificar a sua adesão ao movimento argumentava com o gesto dum porteiro de casa de batota ter morto um indivíduo a tiro, após uma rixa vulgaríssima. Nunca esperámos que aquele jornal tivesse descido ao ponto de pretender justificar uma revolução com uma desordem na batota. Que fraco argumento e que fortes batoteiros nos saíram os da União dos Interesses Económicos!

O Bristol Club motivo duma revolução? Só falta que o *Século* grite cheio de convicção e entusiasmo:

—Viva a liberdade e a intangibilidade da batota!

A eterna desculpa

O sr. Trindade Coelho, director do *Século*, dizia ontem novamente que era filho de Trindade Coelho, que foi um homem de letras de certo relevo e um magistrado bastante independente.

Que temos nós com isso? Ou por outra, que têm as acções do sr. Trindade Coelho com as de seu pai?

E é fácil demonstrar que não têm nada de comum. Trindade Coelho, pai, demitiu-se porque não quis seguir uma ditadura—a de João Franco. Trindade Coelho, filho, alougou a sua pena, hipotecou os seus miolos, para servir uma ditadura—dos assambarcados, a do sr. Pereira da Rosa.

Trindade Coelho, pai, era uma pessoa independente, o cérebro do sr. Trindade Coelho, filho, é um armazém de frases, de ideias e de palavras, alugado aos meses, pelos «super-homens» que roubam o semelhante, negociando, entre mil coisas, em pano cru e macaronete cortado.

Não se compreende a razão porque o sr. Trindade Coelho cita tantas vezes seu pai.

Se é para provar que entre os dois existe um abismo, era escusado.

Municipes e vereadores

Municipes de acordo com os seus vereadores é coisa rara, tão rara que poucas vezes tem existido. Em Coimbra, os munícipes não fogem à regra, tendo enviado ao governo um telegrama, com algumas centenas de assinaturas, protestando contra a Câmara Municipal por ela ter saído do sr. Cunha Leal.

Em carta que acompanha a cópia do telegrama enviado ao governo, preconiza-se a conveniência de se dissolver uma câmara que saltou abusivamente por cima dos seus munícipes para saldar o sr. Cunha Leal.

O Chevalier deles...

Foi-se embora um certo Maurice Chevalier que Lisboa snob, burguesa e aristocrática foi ouvir algumas noites ao São Luís.

O sr. Chevalier é um artista de music-hall que trouxe a Lisboa o seu repertório: um repertório de canções obscenas dum programa mil vezes pior do que a dos revistas do ano.

Pois esses senhores, fidalgos pelo sangue ou pelo negocio de «secos e molhados», levaram suas mulheres, suas filhas, suas irmãs, a ouvir aquelas grosserias que nada respeitam, aquelas canções de deboche que só aos mais depravados deviam agradar. E para darem maior solenidade a aquelas torpezas envergavam os seus mais negros e caros trajes de soirée.

Serão assim ignorantes e estúpidos os burgueses e os aristocratas? Ou entenderão que a pornografia repugnante de Chevalier de indústria que ali esteve é digna da sua moral e é agradável ao seu espírito? Por qualquer das hipóteses que se encare a questão, afigura-se-nos que o Chevalier teve o público que precisava e o público teve o Chevalier que merecia.

«História das Matemáticas»

Acaba de publicar-se um livro notável pelo seu valor de investigação e estudo: *História das Matemáticas na Antiguidade*, da autoria do sr. Fernando de Almeida e Vasconcelos, e editado pela livraria Aillaud.

Este esforço, que é qualquer coisa de notável na vida mental do nosso país, merece a simpatia de todos quantos se interessam pelos que queimam as pestanas num trabalho ingrato e inglorio, como esse a que o sr. Almeida e Vasconcelos se dedicou.

Horário de trabalho

A comissão instaladora da Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa, apreciando uma local dum jornal da tarde sobre o horário de trabalho e sabendo que ao governo será presente um estudo dum comissão encarregada de elaborar um trabalho sobre o assunto resolveu chamar a atenção dos sindicatos da sua área para que o horário máximo de labor para o comércio e indústria seja de 8 horas e a preverem qualquer atentado contra esta regalia que tantos sacrificios tem custado ao operariado.

As deportações servirão os reacçãoários que já se estão preparando para lançar uma nova revolução

O *Mundo* afirmava ontem que está na forja um novo movimento reacçãoário. As nossas informações condizem, em absoluto, com a afirmação feita por aquele jornal.

De facto os reacçãoários estão conspirando, aliciando elementos para realizar uma nova tentativa destinada a implantar uma ditadura violenta e asfixiante. E não ocultam os seus propósitos. Falam por toda a parte nos seus desígnios, por toda a parte ameaçam que não tardará muito tempo em realizarem os seus objectivos. O desaire da Rotunda não os desanimou, nem os intimidou.

Os reacçãoários contam, como um dos factores do seu êxito, com o vácuo que o governo tem criado à sua volta. O sr. Vitorino Guimarães não conquistou nenhuma simpatia, excepção feita ao número limitado dos seus partidários que o toleram, mas não o estimam, que o acatam por ele ser uma demonstração de que o poder está nas mãos do partido democrático.

O sr. Vitorino Guimarães tem sido, para com o operariado, um inimigo feroz. As perseguições que ele tem ordenado, as deportações que ele levou a efeito, causaram entre os trabalhadores uma grande indignação. Essa indignação é natural, é justa, é legítima.

O operariado manifestou a sua hostilidade contra os revoltosos da Rotunda por saber que estes, se triunfassem, anulavam algumas liberdades e suprimiam algumas regalias que usufrui por direito de conquista. Uma das medidas que os revoltosos da Rotunda levariam à prática se triunfassem seriam as deportações.

O sr. Vitorino Guimarães levou à prática as deportações. Criou assim o ambiente de que os reacçãoários precisam para realizar, com êxito, a revolução que preparam.

Câmara Sindical do Trabalho

Reúnem-se amanhã o Conselho Geral para apreciar as demarches efectuadas sobre as deportações.

Foi ouvido um representante do Secretariado Nacional de Assistência Jurídica que expoz os trabalhos organizados por esse organismo, sendo depois tomadas decisões de carácter reservado.

Sindicato dos Litógrafos

A comissão administrativa do Sindicato dos Litógrafos e Anexos, reunida, protesta energicamente contra as deportações levadas a efeito pelo actual governo na pessoa de 18 operários e resolve officiar à F. L. e do jornal para que os delegados ao Conselho Confederal da C. G. T. se ocupem, nesta Central, do assunto.

Encadernadores e Anexos

Em reunião da comissão administrativa do Sindicato dos Encadernadores e Anexos foi resolvido protestar contra as perseguições e deportações levadas à prática pelo actual governo contra a classe operária.

Deliberou apelar para a classe, a fim desta se conservar atenta, pronta a secundar qualquer movimento de protesto que a Câmara Sindical do Trabalho venha a efectivar.

O VULCÃO MARROQUINO

A morte do Raisuli

TANGER, 6.—Continuam a chegar aqui informações acerca da morte do Raisuli. O célebre chefe marroquino teria falecido em Ajdir no quartel general de Abd-el-Krim.

Abd-el-Krim contra os franceses

PARIS, 6.—O general Lyauté organizou já a coluna que se vai defrontar com as forças de Abd-el-Krim. O chefe mouro dispõe de canhões, de telegrafia sem fios e segundo parece também de alguns aviões.

Os rifenhos cercaram um posto onde estavam cinquenta senegaleses tendo feito uso de canhões. O posto francês resistiu heroicamente tendo-se os rifenhos retirado quando chegaram reforços.

Uma vitória sangrenta

PARIS, 6.—As últimas informações chegadas ao ministério da Guerra acerca das operações das tropas francesas em Marrocos assinalam o progresso das forças do general Colombat na sua marcha para o oeste da zona francesa levando de vencida os mouros que ocupavam vantajosas posições. As perdas das tropas francesas nos últimos encontros é de 8 oficiais e 200 soldados. Os rifenhos tiveram 500 mortos.

Pão intragável

O nosso camarada Faustino Ferreira vem ontem a esta redacção mostrar-nos um pão que adquirira na padaria existente na rua de Marvila.

Não era pão, mas sim uma mistela capaz de tudo, mesmo envenenar quem o comesse. O seu aspecto repugnante, o cheiro insuportável, que irradiava, a cor negra, demonstravam que o pão dava direito a incluí-lo no número dos piores criminosos o indivíduo que o mandou manipular.

Uma interpretação errada?

Alguns esclarecimentos e comentários

Direi de começo, para que não suponham que desejo tomar parte num debate entre dois camaradas que considero competentemente habilitados a sustentá-lo, que apenas me preocupa o desejo de corrigir afirmações a que o silêncio poderia dar foros de verdadeiras ou pelo menos justas, demais a mais porque as circunstâncias em que me encontro me forçam a isso.

Sempre considere, fosse com quem fosse, que o melhor e mais honroso processo de firmarmos uma posição digna, quer por palavras quer por actos, seria tratarmos com isenção sem pretendermos confundir ou diminuir os outros.

E porque não quero alargar-me em considerações que me autorizassem de sobejo para não parecer que me arvorei em categrático, num meio e numa época, em que sobram mestre-escolas a leccionar princípios, serei sóbrio dizendo já o que importa.

Como Santos Arranha sentença que aos primeiros tiros da revolta o comité confederal deveria reunir na sede e convocar imediatamente o conselho, o que seria facilito visto quasi todos os delegados terem acorrido à sede, convém desfazer o quiproprio, ou desmentir se tanto fôr.

Logo de manhã, por volta das 10 horas, fez o comité correr, verbalmente, convite a todos os delegados da C. G. T. que fossem encontrados, de que deveriam, aproximadamente ao meio-dia, comparecer na sede. E' verdade que não foram procurados em casa ou na oficina por dois motivos:

1.º Por se ignorar onde se encontrassem visto não possuir o comité a sua direcção.

2.º Supormos que alarmados e interessados pelos acontecimentos, tivessem a iniciativa e voluntariamente de se dirigir onde podessem ser úteis. Isto é, que todos tomassem os seus postos. O contrário seria até fazer um mau conceito do grau de consciência dos nossos camaradas delegados ao Conselho.

Durante o dia apareceram na sede uns 5 ou 6, além do comité, e como esse número não bastasse para reunir, foi resolvido, às 5 horas da tarde, pouco mais ou menos, que se reunisse, à noite, em local que Santos

Arranha muito bem conhece (esta decisão foi tomada na sua presença) e nesse local um componente do comité que ali estivesse verificou que não tinha comparecido um só!

Dois delegados houve na reunião de domingo, 19, que justificaram a sua não comparencia, os restantes não o fizeram nem sequer se inquiriu. Adiante.

A propósito da discordância de Santos Arranha sobre a atitude do comité convém declarar que até à reunião de 19 este camarada não significou qualquer discordância e donde se pode inferir até que ele estava perfeita e absolutamente identificado com essa atitude, e de facto de ter andado a distribuir manifestos dos revolucionários sociais; dos tais, precisamente, em que a C. G. T. se ligava aos partidos políticos!

Não comparando eu Santos Arranha a qualquer ardina dos jornais, é obvio que dando expansão a aqueles manifestos parecia que além de concordar, ia mais longe, participava.

Referindo-se este nosso camarada aos componentes do comité, o signatário e Silva Campos certamente, diz pretensos delegados da C. G. T. Ora como a C. G. T. não resume apenas aos delegados que constituem o seu conselho confederal, mas a toda a organização que a compõe, nesse caso tão pretensos delegados seriam os componentes do comité, como os do conselho. Se se invoca devida e rigorosa o princípio federalista tinha-se, para efeitos de qualquer decisão desta natureza, que propôr referendão às assembleias sindicais, visto que a função do conselho é tão transitória como a do comité.

Também Santos Arranha diz que a acção dos orientadores se deve desenvolver no seio da massa. É evidente, em seu critério, que de então a três dias se deviam reunir as assembleias, isto na capital, na provincia seis, e volvidos outros seis proceder-se ia então.

Permitam-me um comentário, *en finissant*: «Quando chove todos se abrigam, passada a chuva sacode-se a água».

GONÇALVES VIDAL

Os comentários de Francisco Quintal

1.º—Assinar um papelucho, mal escrito e enfadado, ao lado de outras assinaturas, pois o que valia era o facto da sua atitude própria, com um manifesto seu, e não uma atitude secundária de comparsa apagado.

2.º Andarem alguns dos seus militantes em diligências pouco dignas, a fazerem afirmações nada revolucionárias, como um que, dizendo-lhe eu que para combater não precisava das ordens dum tenente-coronel que apparecia, exclamou: Para combater é sempre preciso quem perceba de tática!

Esta afirmação, cuja autenticidade garanto sob minha honra, pode muito bem ampliar-se colectivamente e quando fôr preciso fazer a revolução social, não admira nada que appareça a C. G. T. ou qualquer outro organismo a reclamar ao exército tantos coronéis, tantos generais e tantos sargentos, para conduzirem, taticamente, os revolucionários.

Acho que a organização operária não deve desinteressar-se de movimentos políticos. Mas, quero que o faça com movimento próprio, sem andarem os seus militantes a combinar estratégia com políticos reles e sem escrúpulos.

Num movimento político o que compete à C. G. T. é: definir a sua atitude perante as diversas correntes políticas em litigio, como adversária de todas elas e não seguindo ora a uma ora a outra, como um vulgar satélite político, como senão a animasse um mundo de ideias, por si só suficientes para demarcar uma atitude sempre clara.

De contrário protesto como sindicalista e como protesta muita gente por essas terras do país, a maioria, de cuja existência parece esquecer-se a Vieira, quando atribue a umas dezenas de homens «a vontade das massas organizadas». Numa viagem ao sul, logo a seguir à revolta, tive ocasião de constatar um descontentamento geral pela atitude parcial e não neutra como diz A. Vieira—da C. G. T. Igual descontentamento observou outro delegado em outras terras. A Vieira diz estar «habilitado a concluir que não foi como sindicalistas que aqueles militantes se exprimiram na reunião do conselho confederal, mas porventura como anarquistas». Efectivamente não foi como sindicalistas. Mas mais alguma coisa: foi como sindicalistas revolucionários, que possuem com respeito ao proletariado os mesmos pontos de vista dos anarquistas.

A C. G. T. não é sindicalista revolucionária? Acho que seria bom definir isto dum vez para sempre, a fim de não andarmos a jogar à cabra-cega, lendo nos livros e nos jornais e ouvindo nos congressos umas afirmações e assistindo, na prática, a afirmações opostas.

FRANCISCO QUINTAL

CONFERÊNCIA

«Desastres da aviação»

Hoje, quinta-feira, pelas 21,30 horas e na Universidade Livre, praça Luís de Camões, 46, 2.º, realiza José Benedy uma pequena palestra para apresentação duma sua recente descoberta a que atribue o merecimento de poder evitar os desastres da aviação ocasionados pela pane dos motores, como há pouco sucedeu ao «Breguet 13» e alguns meses antes ao hidro-avião tripulado por Saeedura Cabral e pelo mecânico Correia.

Para assistirem ao acto e por mais directamente lhes interessar o assunto foram enviados convites aos ministros da Guerra e da Marinha, directores da Aeronautica Terrestre e Maritima, general comandante da 1.ª divisão e Aero-Club de Portugal.

A entrada é pública.

Ler o Suplemento de A BATALHA

A PEREGRINAÇÃO A ROMA

Uma excursão à americana para ver uma raridade

Assim como os americanos vêm de vez em quando em excursões à Europa para admirarem e avaliarem as belezas e progressos dos países do velho mundo, assim os representantes de Deus cá na terra, organizam, em determinadas épocas do ano, uma romaria até à cidade eterna, que tem por fim prestar homenagem ao soberbo e opulento vigário de Cristo.

A maioria dos peregrinos que hoje hão-de ir até à velha Roma dos papas e dos cesares limitam-se somente, a admirar os restos do faustoso e despótico império romano que o maço da liberdade e o poderoso camaleão do tempo foi destruindo.

As maravilhas de arte e de arqueologia que por lá há e a redução nas despesas do transporte, é que atraem os peregrinos. Claro que quem vai a Roma aproveita a ocasião para ver o papa. Bicho raro é admirado. Ir a Roma e não ver o agente de Deus equivale a ir a uma festa e não admirar qualquer exótico fantomineiro ou truão.

O jornalista, se as suas finanças o permitissem, também seria o papa mais para ver o intuito de admirar o papa mais para ver mundo, como acontece à maioria dos peregrinos. Nãja que eles não são pessoas tão estúpidas que se deixem ir no conto do vigário de qualquer charlatão, vendedor de credes e benfins.

Cristo—esse mártir de que a história nos fala—mudou-se muito duro, sofreu a ignomínia do sanguinário formalista romano—e apregoeiro às multidões oprimidas a liberdade e a fraternidade.

Cristo era um anarquista—não esse Cristo de que a padralhada ociosa e rotineira fez balcão—mas esse outro que foi o iniciador do grande ideal humano—o ideal do bem e da igualdade.

E contrastando com a humildade do mártir, lá está o papa indolente e parasita, servido pelas suas inúmeras, no palácio magnífico do Vaticano. E diz-se que—o charlatão—representante de Cristo na terra. Mas como pode representar uma coisa que não existe? Cristo era um homem como qualquer de nós e o seu destino foi o mesmo que há-de ser o nosso—uns palmas de terra ou o forno crematório.

Se Cristo tornasse a viver espantaria-se ao deparar com o seu aparelho representativo e mais embasbacado que a sua fé, entrasse nos casarões onde se apregoeira o seu credo, deturpado e moldado nas rugas das batinas jesuíticas. Ele fez a apologia da liberdade, a igreja, pelo contrário, condena-a, e assegura a salvação eterna. Mas os mortos é que não voltam para nós vir dizer que foram enganados. O cristianismo antes de tudo procura afirmar e estabelecer verdades sem exame nem verificação. O papa e seus acólitos exaltam-nos o reino dos céus? Pois bem; nós o queremos sem demora—e organizá-lo temos. Na terra germinam muitos frutos e flores para todos os desgraçados, para todos os indigentes!

Que no azul do firmamento se comprazam os anjos e as aves. Carecemos doutrina coisa, queremos estabelecer a imediata justiça, porque nos é pungente, morrer de miséria ou de dor, sem outra alternativa.

Ao escasso quartelão de merceiros crentes que tomam parte na romaria dir-lhe-emos, condoídos, que a estúpidez humana ainda é muito grande, tão grande que faz deles uns ridículos bajuladores não sentindo repugnância de ir beijar os pés dum homem que só lhes é superior no ridículo e na hipocrisia com que mascara o cinismo das suas feições de palhaço de feira.

Talvez os ímpios que servem a Deus se espantem do nosso desassombro. Insensatos! Não compreendem que, quando se tem tido a força da fé sem esse mito, se possui todas as forças!

Supportaremos por mais algum tempo a opressão e a injustiça, mas nós a anunciaremos. Sofreremos, mas venceremos!

Horário de trabalho

Os operários da C. Civil da Guarda decidem fazê-lo respeitar

GUARDA, 2.—O Sindicato da C. Civil reuniu há pouco, em assembleia geral, a fim de estabelecer nesta cidade o horário de 8 horas de trabalho, que ainda não era por todos os operários cumprido.

Falaram Mário Pinto Ferreira e Ernesto dos Santos Gonçalves Pereira, delegado da Federação da C. Civil, sobre os perigos de não se cumprir o horário de 8 horas de trabalho.

Falou depois o mestre de obras Octávio Pinto, concordando com o exposto pelos outros oradores.

Foram nomeados fiscais do horário: Mário Pinto Ferreira, Joaquim Ferreira Pinto, Rafael Pinto, Eduardo Pinto, José Alves, Alberto Pinto, António Lopes, Artur Gomes, Artur Amorim, Francisco Neto, António da Silva e Joaquim Brás.

Usou ainda da palavra Damiano Ferreira da Silva, apelando para que o operariado da Guarda respeite o horário, sendo a sessão encerrada no meio de grande entusiasmo.

No dia seguinte os fiscais verificaram ter-se respeitado o horário em todas as obras.—(C.)

Universidade Popular Portuguesa

Tendo sido interrompida, por motivo dos recentes acontecimentos políticos, a acção educativa da U. P. P., o seu conselho administrativo, na reunião que hoje efectua com os delegados das secções, vai resolver sobre a regular prossecução do curso "Educação para a Vida" e das conferências, esperando poder anunciar em breve a realização do segundo "curso de arte".

A biblioteca está aberta todas as noites, excepto aos sábados e domingos.

EDEN TEATRO

HOJE, às 20,45 (8 3/4) — ULTIMOS ESPECTACULOS

HOJE, às 20,45 (8 3/4) — ULTIMOS ESPECTACULOS

HOJE, às 20,45 (8 3/4) — ULTIMOS ESPECTACULOS

HOJE, às 20,45 (8 3/4) — ULTIMOS ESPECTACULOS

HOJE, às 20,45 (8 3/4) — ULTIMOS ESPECTACULOS

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Os estivadores gerais contra os interesses dos descarregadores

Com o assentimento dos encarregados e de todos os trabalhadores, decidiu a Associação dos Descarregadores do Porto de Lisboa, em face da falta de trabalho verificada na classe, promover a divisão do trabalho.

Os estivadores gerais, que têm por hábito escolher os trabalhadores que melhor se prestem a satisfazer os hábitos de exploração, trataram de dificultar essa justa e equitativa divisão pois com isso iam os seus ganhos ser diminuídos.

Nessa conformidade, tais informações deram ao patronato, que este se opoz também a essa necessária acção de solidariedade, ficando por esse modo muitos descarregadores impossibilitados de prover às suas necessidades por lhes ser negado trabalho.

Não se prestaram a auxiliar as manobras dos estivadores gerais os Transportes Marítimos, as casas Melo do Rego e Pinto Bastos, esta com um barco de carvão a descarga no Sul e Sueste.

Solidarizaram-se já com as nobres intenções daquele sindicato a Federação Marítima, Fragateiros e Descarregadores de Mar e Terra, opondo-se estes organismos às descargas que não sejam feitas de harmonia com as resoluções dos Descarregadores do Porto de Lisboa.

Torna-se necessário fazer vingar a pretensão deste organismo, por ser humana e absolutamente de acordo com os princípios de solidariedade estabelecidos entre o operariado, fazendo a oposição que é mister aos hábitos de exploração dos estivadores gerais, prejudiciais para os trabalhadores daquele ramo.

Exposição de rosas

A exposição de rosas que os floricultores portugueses srs. Moreira da Silva & Filhos, realizam este ano na Sociedade Nacional de Belas Artes, deve ser inaugurada no dia 23 do corrente.

A sala da exposição será transformada num jardim francês do século XVIII com jogos de água, canteiros guarnecidos de rosas floridas e plantas ornamentais. De entre as plantas ornamentais a expor destacam-se Buxos aparados, de formas esféricas e espiraladas e formando colunas e pirâmides dum belo efeito decorativo.

Além disso será exposta a maior e a mais surpreendente colecção de rosas cortadas, que até hoje tem sido apresentada em Portugal. As últimas novidades em rosas, algumas cultivadas em segredo por jardineiros artistas farão as delícias dos amantes e do público de apurada sensibilidade, pelo seu admirável matiz e perfume e ainda pelas suas dimensões e vivacidade.

Feira de beneficência em Alges

Deve inaugurar-se na próxima semana a feira de beneficência promovida pela Câmara Municipal de Oeiras, a favor da criação dum pequeno Asilo-Hospital, já estando em construção quasi todas as barraças.

Todos os terrenos da feira encontram-se alugados, tendo a Câmara já em construção a entrada principal, que é feita pelo Largo da Estação, em Alges.

Ainda esta semana deve ficar instalada a iluminação para o local, bem como a instalação de água.

Os feirantes encontram-se animados, sendo já as milhares as pessoas que no passado domingo visitaram as instalações da feira que, pela sua localização e pelos fins beneficentes a que se destina, está destinada a grande êxito.

Para a inauguração vão ser convidadas várias entidades, bem como a imprensa. No recinto da feira tocarão aos domingos várias bandas regimentais e do colégio.

Se queres vêr o vilão...

O acusado desmente as acusações produzidas neste jornal

Júlio Moreira, vulgarmente conhecido por Júlio Martelo, o indivíduo visado pela nossa local de ontem com o título que nos serve de epígrafe, procurou-nos, acompanhado pelos seus hospedes, para nos declarar ser menos verdadeira a informação que nos forneceu Eduardo Silva sobre o conflito entre ambos.

Acrescenta Moreira, e confirmaram-no as pessoas que o acompanhavam, que não aumentou a renda da dependência que occupou Eduardo Silva visto ela estar ainda devoluta, nem fez quaisquer aumentos aos seus hospedes.

Quanto à saída daquella da casa de que Moreira é arrendatário, asseveramos os supramencionados visitantes que ela obedece simplesmente ao facto de Eduardo Silva ter tido ali um comportamento moral pouco digno dum homem de sentimentos.

Sentimos que os nossos informadores não sejam rigorosamente verdadeiros de forma a evitar estes desmentidos, que bem mal colocam a sua integridade moral.

Faz favor!?

Vá hoje vêr a revista

TIROLIRO

AO

TEATRO APOLO

que dará a noite

por bem empregada

que dará a noite

por bem empregada

que dará a noite

por bem empregada

que dará a noite

por bem empregada

que dará a noite

por bem empregada

que dará a noite

FUNCIONALISMO PÚBLICO

Um decreto que algema o pensamento e que coloca o funcionário à disposição de todas as más vontades, despeitos ou invejas e que urge modificar

Depois do tenebroso troar do canhão, que vomitando metralha do já agora célebre e histórico morro Sidónio Pais, em nome das "forças vivas" e exploradoras, dessas forças que aderentes à Internacional Branca, estão preparando o mundo para um regresso tremendo e breve ao regime da escravatura, dizer ao proletário que pela sua parte a luta de classes, a luta de interesses tinha chegado ao auge e de estes com um simples encolher de ombros, terem tornado possível o triunfo das forças da república, os homens da esquerda republicana sustentáculos máximos da ordem, vieram para a rua cantar honsas a liberdade e para a imprensa render preito à justiça, para passadas horas, nos deixarem numa situação de verdadeira dúvida sobre o significado ou o valor da vitória, não só, porque induziram ao facto de que, em 13 de Fevereiro, deportou indivíduos sem qualquer meio de julgamento, se não ainda porque, atirou para as colunas do Diário do Governo, com um decreto que é um verdadeiro ultrage à liberdade de pensamento e a completa negação dos princípios basilares porque as democracias se regem.

O decreto em referência, que coisa alguma tem a justificação que não seja a vontade e o poder omnipotente de quem se julga senhor e dominador dum país, na parte que se refere ao funcionalismo público, outra coisa não é, se não a reedição da já conhecida lei do exco do pinto, destinada-se ao que parece, a colocar o funcionalismo numa dependência, que ou segue de olhos vendados e cego paralalisado a vontade e intenção do chefe e do político, ou então, ainda que a seu favor, tenha o poder dos serviços prestados à república, vá irremediavelmente para o castigo, para o ultrage ou para a demissão. Sim! Porque quem há aí, que ignore que a maioria dos indivíduos que pejam as repartições públicas do Estado, a começar por aqueles que disfrutam as mais altas e rendosas situações, eram e foram por largo tempo, se é que não são ainda hoje, monárquicos confesos e militantes? Quem há, que desconheça que desde os tribunais às escolas é o monárquico e o católico quem manda e domina? Quem é que não sabe que o sindicalista, o bolchevista e o agitador para que parece ter sido feito o § 1.º e 3.º é aquele indivíduo que critica hoje na república o que ontem combatia na monarquia, os desmandos, as intrigas e as injustiças. Sim! Porque em Portugal, combater a exploração, os atentados à liberdade, a forma verdadeiramente escandalosa como se fazem nomeações e protegem afilhados, é ser bolchevista, iniciador à desordem e perigo para as instituições.

Não sei se por propaganda contra a república se pode ter o facto de publicamente confessar, que os serviços do Estado carecem de imediata reforma; como não sei se crime será dizer que tudo isso para a vida e se arrasta numa constante e completa desorganização, mas se é, que diremos aquele deputado, antigo presidente do ministério e ministro da guerra, que em pleno parlamento clamava que o país estava a saque!

Mas não! não creio, pois por nós fala essa ficção que aí existe e a que pomposamente se chama Assistência Pública, como por nós fala o estado miserável e vergonhoso das estradas do país, a demora na solução de qualquer assunto que dependa das repartições do Estado, os malfadados transportes marítimos, os bairros, as exposições, as revoltas militares, o descontentamento das massas e as reorganizações que tudo alterando desde as categorias aos ordenados, tudo confundem, tudo baralham e tudo transtornam.

Sim! Crime não pode ser o facto, de afirmarmos que esta república e esta democracia, embora seja aquela porque combatemos e com que sonhamos, está adulterada por processos realistas. Sim! Porque a democracia com que sonhamos, era uma democracia que preenche de justiça, repleta de liberdade e símbolo da igualdade. Mas se isso fosse um crime, como se crime fosse reclamar mais um pouco de liberdade e progresso, criminosas seriam as afirmações dos velhos caudilhos e até dos modernos pioneiros.

Sim! O incitamento à revolta não pode ser o facto de indicarmos aqueles que como nós, cultivando a terra dos outros, movendo as máquinas dos outros, e descendo às minas dos outros, morrem de fome e rebentam de miséria, que se unam eudem e revoltam contra a tirania opressora e ultrajante. Se isso é crime, arranjem-nos das mãos das crianças das escolas, os livros que lhes falam de Espartaco, Guilherme Tell, Danton, Garibaldi, Confúcio, Luther, Giordano Bruno, Galileu, Darwin, Fernando Tomás, Pinto Ribeiro,

Quando me refiro a chefes de maneira alguma me refiro a quem se está subordinado, e não, não só porque ele, além de espírito culto, professa ideias que de há muito, política ou socialmente, creio quasi irmãs gêmeas das minhas, senão ainda, porque refiro alguma teria para o fazer, essa referência dirige-se, e dum modo geral, a aqueles que pelo seu intolerante espírito retrógrado e conservador, não reiam ao porre em prática um processo que a todos os títulos pôde servir para as mais baixas e vis vinganças e que ficará gravado nas páginas sinceras da história da liberdade, como uma das mais fortes opressões do pensamento.

PAULO EMILIO

DENTES ARTIFICIAIS

a 2500. Extracções sem dor, a 1000. Consulta especial das 10 às 12. Concertação dentaduras em 4 horas. Das 2 às 7 consultas com hora marcada.

MÁRIO MACHADO

CHIADO, 74, 1.º Telef. C. 4186

LER E ASSINAR

Os Mistérios do Povo

Os Mistérios do Povo

Os Mistérios do Povo

Os Mistérios do Povo

Os Mistérios do Povo

Os Mistérios do Povo

Os Mistérios do Povo

Os Mistérios do Povo

Os Mistérios do Povo

Os Mistérios do Povo

Os Mistérios do Povo

Os Mistérios do Povo

MAUSOLEU DOS JORNALISTAS

A Câmara Municipal auxillará a sua construção

Na sessão de ontem, da comissão executiva da Câmara Municipal de Lisboa, foi aprovada, para subtrair à apreciação da Câmara, a proposta seguinte:

«Considerando que o Município de Lisboa prestando homenagem aos profissionais da imprensa, deve permitir, auxiliando quanto possível, a construção dum mausoléu destinado a cuidadosamente guardar os restos mortais dos jornalistas, a fim de evitar que, como já tem sucedido, sejam lançados à vala comum ou atirados para um ignorado recanto dos cemitérios da cidade; Proponho:

1.º—Que seja autorizado o vereador do respectivo pelouro a permitir a construção dum mausoléu destinado aos jornalistas portugueses, numa das chamadas rotundas do cemitério do Alto de São João; e

2.º—Que o Município auxilie por todos os meios a referida construção».

São Carlos

Merece uma especial referência a actriz Amélia Pereira, pela forma que interpreta no Jocosu SINAL DE ALARME todo o seu papel, dando-lhe brilho, movimento e graça.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Festas artísticas

No teatro São Luís realiza esta noite a sua festa artística a actriz cantora Beatriz Baptista. Para a sua festa organizou a brilhante cantora, um programa sensacional, de que fazem parte os 3.ºs actos das óperas «Tosca» de Puccini e «Manon» de Massenet.

Noticias

No elenco da grande companhia de ópera italiana do teatro Real de Madrid, que faz a sua estreia, no próximo sábado, no Coliseu dos Recreios, figura a soprano ligeiro Elda di Veroli que obteve, ultimamente, no Porto, um grande êxito nas óperas «Rigoletto» e «Lucia» sendo obrigada a bisar o «rondó» entre grandes e entusiásticos aplausos.

Também o barítono Galeffi, hoje considerado o melhor artista do seu género, alcançou um extraordinário triunfo na ópera «Palhaços» tendo também cantado as «romanzas» do «Baile de Máscaras» e do «Rei de Lahore» e o monólogo da ópera «André Chénier» entre as mais calorosas ovações.

Como temos anunciado a ópera de estreia no Coliseu será a «Manon» do maestro Massenet, cuja interpretação está confiada aos artistas Matilde Ravenga, Alexandre Venclovsky, Fábio Ronchi e Aníbal Vela.

Recalme

Mais uma noite cheia de interesse e de graça, proporciona hoje o teatro Apolo, ao público de Lisboa com a admirável revista «Tiroliro» que conta os seus sucessos pelo número das suas representações.

Quem quizer, portanto, passar uma noite alegre e por pouco dinheiro vá ver o «Tiroliro» que se a peça mais engraçada do género que se tem representado em Lisboa.

Hoje são os últimos espectáculos da troupe Chatan, que termina no Eden Teatro o seu contrato. Na sexta-feira, porém, estreiar-se-ão dois novos números de grande sensação, precedidos do estrangeiro com grande fama, ambos destinados a produzir a melhor sensação no público, completando o espectáculo em «fim de festa» a brilhante cancionista «disseuse» La Mireya que positivamente conquistou as simpatias do público com o seu repertório.

OS MISTÉRIOS DO POVO

ACABA DE APARECER A 6.ª SÉRIE DE 10 TOMOS DESTA MAGNÍFICA OBRA HISTÓRICA DO ESCRITOR EUGENE SUE

ACEITAM-SE ASSINATURAS PARA ÊSTE ROMANCE, AO PREÇO DE 5500 POR CADA SÉRIE DE 10 TOMOS

SOLIDARIEDADE

Pré-José Pires de Matos

A comissão de auxílio a José Pires de Matos pede a todos os organismos e indivíduos a quem foram enviadas listas de subscrição que enviem, no mais curto prazo possível, todos os auxílios obtidos, e que se esforcem por obtê-los os que ainda o não fizeram.

O estado melindroso da doença daquel camaráda, que pelos ideais de emancipação trabalhou com afino, exige cuidados especiais, que ocasionam grandes dispêndios.

Urge habilitar a comissão de auxílio a satisfazer necessidades inadivéis do tratamento de José Pires de Matos.

Não devem os elementos a cuja solidariedade se recorrem demorar em prestá-la para evitar embaraços à comissão.

Toda a correspondência e auxílio devem ser endereçados a Manuel Peres, travessa da Agua de Ffior, 16, 1.º

Hilário Gonçalves, Arsénio José Filipe e José Filipe, declaram ter recebido 101\$00, provenientes duma «quête» tirada entre os descarregadores do frigorífico.

E' hoje posto à venda:

A ODIOSA DITADURA MILITAR

O livro mais sensacional que nestes últimos tempos se tem escrito sobre os acontecimentos políticos de Espanha

Restituto Mogrovejo

Traduzido e prefaciado por MÁRIO DOMINGUES

Preço 5500 (cinco escudos)—Pedidos à Editora Popular—Rua do Grémio Lusitano, 40, 1.º—LISBOA

Preço 5500 (cinco escudos)—Pedidos à Editora Popular—Rua do Grémio Lusitano, 40, 1.º—LISBOA

Preço 5500 (cinco escudos)—Pedidos à Editora Popular—Rua do Grémio Lusitano, 40, 1.º—LISBOA

DESPORTOS

O próximo Portugal-Espanha

Não tem sido tarefa fácil a comissão da União Portuguesa de Futebol no respeitante à organização do grande encontro internacional a realizar em Lisboa no próximo dia 17. Mercê da persistente acção desenvolvida pelos novos, mas valiosos, elementos que compõem o seu corpo directivo, com a colaboração inteligente e activa de Ribeiro dos Reis, muitas das grandes dificuldades estão já removidas, podendo desde já noticiarmos que a importante prova se realizará no campo do Estádio, no Lumiar, tendo começado já os trabalhos de reparação e ciliandragem do campo para o que contribui com a sua prestante cooperação, a Câmara Municipal de Lisboa, facilitando materiais e pessoal habilitado para o efeito.

Hoje em Palmavá, num treino indicativo para a constituição definitiva da «equipe nacional», realiza-se o anunciado desafio a favor do Sindicato dos Profissionais da Imprensa, devendo ser oposta à primeira categoria de os Belenenses uma linha de «prova» assim constituída:

F. Vieira, Pinho e Pimenta, Tamarqueiro, Alberto Augusto e Cesar de Matos, Domingos Neves, Jaime Gonçalves, João Francisco, José Delfim e Hugo Leitão. Estavam primitivamente indicados para fazerem parte deste grupo dos «prova» Oscar, defesa direita do Boavista, e Fonseca, extremo esquerdo do Académico, ambos do Porto, mas a pesar de instâncias feitas neste sentido pelo U. P. F. que ainda ontem telegrafiou novamente para a F. do Porto, lá não se deu, parece que por fim vontade daquele organismo federativo do Norte, que nem sequer, até este momento se dignou enviar qualquer resposta justificativa da recusa.

No próximo domingo, a linha dos «posivelmente» seleccionados, terá um treino final com o Carvalhinhos, grupo que brilhantemente conquistou o seu lugar na primeira divisão e que dificilmente foi batido pelo Sporting, actual campeão de Lisboa.

São Carlos

Merece uma especial referência a actriz Amélia Pereira, pela forma que interpreta no Jocosu SINAL DE ALARME todo o seu papel, dando-lhe brilho, movimento e graça.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Festas artísticas

No teatro São Luís realiza esta noite a sua festa artística a actriz cantora Beatriz Baptista. Para a sua festa organizou a brilhante cantora, um programa sensacional, de que fazem parte os 3.ºs actos das óperas «Tosca» de Puccini e «Manon» de Massenet.

Noticias

No elenco da grande companhia de ópera italiana do teatro Real de Madrid, que faz a sua estreia, no próximo sábado, no Coliseu dos Recreios, figura a soprano ligeiro Elda di Veroli que obteve, ultimamente, no Porto, um grande êxito nas óperas «Rigoletto» e «Lucia» sendo obrigada a bisar o «rondó» entre grandes e entusiásticos aplausos.

Também o barítono Galeffi, hoje considerado o melhor artista do seu género, alcançou um extraordinário triunfo na ópera «Palhaços» tendo também cantado as «romanzas» do «Baile de Máscaras» e do «Rei de Lahore» e o monólogo da ópera «André Chénier» entre as mais calorosas ovações.

Como temos anunciado a ópera de estreia no Coliseu será a «Manon» do maestro Massenet, cuja interpretação está confiada aos artistas Matilde Ravenga, Alexandre Venclovsky, Fábio Ronchi e Aníbal Vela.

Recalme

Mais uma noite cheia de interesse e de graça, proporciona hoje o teatro Apolo, ao público de Lisboa com a admirável revista «Tiroliro» que conta os seus sucessos pelo número das suas representações.

Quem quizer, portanto, passar uma noite alegre e por pouco dinheiro vá ver o «Tiroliro» que se a peça mais engraçada do género que se tem representado em Lisboa.

Hoje são os últimos espectáculos da troupe Chatan, que termina no Eden Teatro o seu contrato. Na sexta-feira, porém, estreiar-se-ão dois novos números de grande sensação, precedidos do estrangeiro com grande fama, ambos destinados a produzir a melhor sensação no público, completando o espectáculo em «fim de festa» a brilhante cancionista «disseuse» La Mireya que positivamente conquistou as simpatias do público com o seu repertório.

OS QUE MORREM

Julio Camacho Rodrigues

Pelas 15 horas de ontem, faleceu na sua residência, rua Afonso Domingues, 49, 1.º, esquerdo, o sr. Julio Camacho Rodrigues, oficial de alfaiate e ex-sargento da Marinha Militar.

O extinto fez parte do C. E. P. onde, devido aos gases asfixiantes, artimonia a sua saúde, vindo agora a falecer aos estragos de uma tuberculose.

Deixa viúva a sr. D. Maria de Jesus Rodrigues e dois filhos de tenra idade. Era filho do sr. João Baptista, guarda-fiscal e irmão dos srs. José Camacho Rodrigues, alfaiate, Bento Camacho Rodrigues e João Camacho Rodrigues, empregados no comércio.

O seu funeral realiza-se hoje, às 16 horas, da morada acima, para o cemitério oriental.

O jornal O Heraldio, de quem o extinto era subscritor, faz-se representar no funeral, convidando para esse fim todos os seus subscritores.

Realiza-se hoje, pelas 14,30, o funeral do operário fabricante de calçado Vitor Gonçalves dos Santos, que saiu da sua residência, rua dos Poais de São Bento, 29, 3.º, para o cemitério da Ajuda.

O extinto era sócio do sindicato dos fabricantes de calçado.

Malas postais

Pelo paquete «Desado», são hoje expedidas malas postais para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires.

Da Caixa Geral as últimas tiragens da correspondência registada são às 9 horas e da ordinária, às 11 horas.

Expedições de amanhã:

Pelo paquete «Funchal» da Empresa Nacional de Navegação, são expedidas malas postais para a Madeira e arquipélago dos Açores, sendo da Caixa Geral a última tiragem da correspondência registada até às 18 horas de hoje, e da ordinária até às 7 de amanhã. No Cais de Santarém recebem-se correspondências até às 9,45 m, mediante o pagamento de sobretaxa de 20 centavos por objecto.

Apolo

Chira, o popular actor que o público estima e admira, faz o «compère» da revista TIROLIRO com alegria, não descurando nunca a personagem, conseguindo fazer rir todo o público.

Praia da Aguda

A vedação de uma rua no bairro japonês

PRAIA DA AGUDA, 29.—A Câmara Municipal de Gaia, em sua penúltima sessão, deliberou, por unanimidade, indeferir o pedido do proprietário Manuel Ferreira Sucena que pretendia lhe fosse dada autorização para vedar as ruas que, no lugar do Bairro Japonês, atravessa a linha do caminho de ferro da C. P., conforme A. A. talha em devido tempo informou.



Conferência Inter-Sindical do Algarve

Prossegue com indescrivível entusiasmo, tendo aprovado alguns trabalhos de grande interesse para a organização algarvia

2.ª sessão

(Do nosso enviado especial)

FARO, 4.—Pelas 9,30 horas e com a presença da quase totalidade dos delegados, reuniu-se a conferência para continuação da 2.ª sessão.

Procede-se à leitura da tese «A organização sindical no Sul (fins e meios)» que é relator Pedro Cortes dos Reis.

Raul Duarte discorda do capítulo I porque não vê possibilidades de aumentar a cota devendo-se procurar receita por outro meio.

José Maria Canôa também não vê possibilidade de execução do que se estabelece devido à grande crise de trabalho.

O relator diz que o aumento da cota não viável em alguns sindicatos; prefere os sindicatos com uma população diminuta, mas prestável e útil uma população maior sem valor de consciência e acção.

Segundo os cálculos feitos poder-se-ia arranjar uma receita de 200\$000 semanais, o que alguma coisa seria para desenvolvimento da propaganda.

Raul Duarte não concorda com o aumento não reconhecendo à conferência capacidade para resolver sobre o assunto. Há outros meios de se conseguir receita, como festas, etc.

M. J. Sousa diz que a C. G. T. não poderá fixar o quantum do seu concurso financeiro e isto porque tem que atender a outros trabalhos da organização, propaganda, etc.

Julga elevada a cota proposta na tese. É absolutamente necessário conseguir fundos para propaganda e estes fundos só podem sair dos trabalhadores; entende que a cota deverá ser, se fosse possível, de \$05 por semana, ou ainda menos porque noutra tese também é proposto um aumento para solidariedade. Valongo diz que se pelo motivo de crise, os sindicatos não pagam a cota de \$60; têm a não pagam de \$50. Cita vários exemplos passados na sua localidade para comprovar as suas afirmações.

Vaz Marques discorda do capítulo em discussão porque não vê possibilidades na sua praticabilidade.

Valongo diz que isso se deve à falta do espírito sindicalista o qual é necessário desenvolver, fazendo sentir aos sindicatos as vantagens do desenvolvimento da organização operária.

Manuel Teodoro propõe a aprovação do capítulo em discussão ficando exceptuadas as classes mais atingidas pela crise.

José Maria Canôa, está de acordo com a tese, mas não se pode responsabilizar pelo seu cumprimento dentro do sindicato que representa—Soldadores de Olhão—comprometendo-se contudo a fazer o possível porque seja posto em prática o que se propõe na tese.

O relator propõe o seguinte aditamento à proposta:

«Não deixando os militantes dessas classes de aproveitar a primeira oportunidade para o estabelecimento da mesma».

João Gonçalves Pires, não concorda com os documentos porque o se resolve para todos os sindicatos ou para nenhum. Bivanco é da mesma opinião.

Manuel Teodoro, diz que se por um lado é difícil o aumento da cota, por outro é fácil, o que é necessário é desenvolver a propaganda.

Vaz Marques, tem a convicção que nenhum delegado presente afirmará que a sua classe não luta com a crise. Propõe que a cota seja de 2\$00 por sindicato, e por mês.

M. J. Sousa julga que isto é pouco prático porque uns sindicatos poderão pagar do seu cofre essa importância e outros não. A colação deve ser equitativa.

Raul Duarte, propõe que do fundo dos Sindicatos se retire \$02 por sindicato e por semana para efeitos da propaganda e que estas verbas sejam enviadas à Delegação Confederal.

Pedro Cortes dos Reis diz que por esta doutrina o seu sindicato não poderá corresponder, os aumentos da cota nunca são de princípio bem aceites pelos sindicatos.

Raul Duarte, retira a sua proposta.

M. J. de Sousa, explica que há sindicatos na Conferência, cuja população é de 22 e 14 sindicatos, e nestas condições não lhes é possível retirar do cofre coisa alguma.

A maior relutância no pagamento do aumento da cota, parte muitas vezes dos próprios militantes. A massa sindicalizada poderá ter relutância, mas a média é sempre a mesma.

Vaz Marques pede para retirar a sua proposta, o que é aceite.

José Maria Canôa apresenta o seguinte requerimento:

«Requerio que se dê o assunto por discutido, sem prejuízo dos oradores inscritos e que se passe à votação da proposta de Manuel Teodoro e aditamento Cortes dos Reis.» É aprovado.

A requerimento do delegado da C. G. T., procede-se à votação nominal que dá o seguinte resultado: 16 aprovações e 5 rejeições.

A redacção do primeiro período deste capítulo saiu errada; a verdadeira é a seguinte:—Pela cota de \$10 obrigatória e semanal por todos os sindicatos.

Sobre o capítulo II, o delegado da C. G. T. apresenta a seguinte emenda à alínea c): «De conformidade com o aprovado na 1.ª sessão anterior.» É aprovado.

Sobre o capítulo III o delegado da C. G. T. diz que as alíneas a) e b) estão prejudicadas pela aprovação da tese anterior. A alínea c) poderia constituir uma 4.ª alínea do capítulo I, pois que trata de fundos. Assim se resolve.

Sobre o capítulo IV, alínea d); Manuel Nunes propõe a seguinte alteração:

«Caso a orientação seguida por ele não seja expressa na alínea anterior.» É aprovado.

Nomeada a mesa para a sessão seguinte, é encerrada a sessão, marcando-se a terceira para as 14 horas.

PASSEIO FLUVIAL À TRAFARIA

Procurado pela Sociedade Filarmónica Inicial Alameda, realiza-se no próximo domingo, 10 de corrente, um passeio fluvial à Trafaria. O embarque é feito em Casilhas por vapor «Maritima» às 8 horas, sendo o preço de bilhete \$500.

«A Batalha» vende-se em todas as tabacarias

INTERESSES DE CLASSE

Os operários mobiliários de Coimbra contra a oficina da Penitenciária

COIMBRA, 4.—Já em mais de uma notícia, demos nota que os operários mobiliários de Coimbra andavam empenhados no combate contra o que se está passando dentro da oficina de marcenaria da Penitenciária—pois os arrematistas desta, explorando infamemente os presos, estavam cavando a ruína da indústria e a miséria nos lares de muitos operários.

Dissemos depois, que estes numa importante sessão resolveram reorganizar o seu sindicato.

Realizou-se agora outra sessão para apreciar o assunto.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

O 1.º DE MAIO

Vila Nova de Gaia

VILA NOVA DE GAIA, 3.—Realizou-se anteontem uma sessão no sindicato dos Tanneiros.

Serafim Cardoso Lucena fez uma conferência sobre as juvenidades sindicais. Falaram depois Adriano Pimenta, da F. J. S., José da Silva, da U. S. O. do Porto, Joaquim Grilo dos têxteis e José Pedro Lourenço, pelo N. J. S. de Gaia.

Aprovaram-se protestos contra a reacção internacional, a condenação de Sacco e Vanzetti, e saudações aos presos por questões sociais, C. G. T. e A Batalha.—C.

Realizou-se agora outra sessão para apreciar o assunto.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.

Aberta a sessão e expostos os fins para que foi convocada, faz uso da palavra um camarada da comissão de demarques que se alarga em vastas considerações sobre a crítica situação que a classe atravessa, argumentando cerradamente contra o que se passa com a oficina de marcenaria da Penitenciária, e seus arrematistas.